

Midiatização Periférica: usos e apropriações de mídias entre moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre

Diva da Conceição Gonçalves¹

Resumo

Os meios de comunicação participam do cotidiano social de diferentes maneiras, configurando realidades comunicacionais distintas, conforme a oferta midiática e as condições em que se desenvolvem as relações com estas tecnologias. Neste artigo analisamos os usos e apropriações de dispositivos midiáticos realizados por moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, na perspectiva da midiatização social. Busca-se compreender como os extrativistas se relacionam com os meios de comunicação, considerando experiências individuais e coletivas com o rádio, a televisão e o telefone celular, bem como a presença de distintas mediações na relação com estes dispositivos. A articulação entre mídias, sujeito rural e mediações evidencia processos comunicacionais e interacionais profundamente marcados por elementos contextuais. Na interseção desses processos identificamos formatos de uma *midiatização periférica*, que articula especificidades locais a lógicas globais.

Palavras-chave: Midiatização. Dispositivos Midiáticos. Meio Rural.

Abstact

The media participate of different social everyday ways by setting different communication realities, as the media offer and the conditions in which they develop relationships with technology. In this article we analyze the uses and appropriations of the media by residents of communities of Chico Mendes Extractive Reserve, Acre, in the perspective of midiatization social. Seeks to understand how the extractivist interact with the media, considering individual and collective experiences with radio, television and mobile phone, and the presence of different mediation in relation to these devices. The articulation between media, rural subject and mediations show communication and

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Jornalista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, Rio Branco, Acre. E-mail: diva.goncalves@embrapa.br

interaction processes deeply marked by contextual elements. At the intersection of these processes we identify shapes of a *peripheral mediatization*, combining local characteristics the global logic.

Keywords: Mediatization. Media Devices. Countryside.

1. Introdução

A presença cada vez mais crescente das tecnologias no cotidiano social criou formas diversas de comunicar e interagir. Os meios de comunicação ou dispositivos midiáticos, como também são nomeados neste trabalho, estão presentes no cotidiano das pessoas de diferentes maneiras, configurando, em cada contexto, uma realidade comunicacional específica, de acordo com a oferta midiática e condições em que se desenvolvem as relações com estas tecnologias, sobretudo os usos e apropriações (PROULX, 2013) que emergem da interação com as mídias.

Símbolos da modernidade, os meios de comunicação contribuem para um novo paradigma comunicacional – que o campo acadêmico da comunicação vem denominando de *mediatização* – que envolve uma diversidade de modos como a sociedade se relaciona com estas tecnologias.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que investigou as formas de usos e apropriações de dispositivos midiáticos desenvolvidos por moradores dos seringais Floresta, no município de Xapuri, e Porvir e Filipinas, em Brasileia, comunidades localizadas na Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, considerando a perspectiva da *mediatização social*. Entendendo que esse processo não é uniforme, mas ocorre em diferentes níveis de intensidade, nos distintos espaços sociais, incluindo-se o meio rural, busca-se compreender como indivíduos extrativistas se relacionam com os meios de comunicação e de que maneira essa relação influencia seus processos comunicacionais e de interação social. Matriz semântica do processo de *mediatização*, a mídia deve ser entendida não somente como instrumentos destinados à transmissão de informações e mensagens, mas também como elementos propiciadores de interações entre indivíduos e instituições.

Nas últimas duas décadas, transformações políticas, socioeconômicas e culturais, decorrentes de processos como a globalização, possibilitaram o avanço tecnológico e o uso dos meios de comunicação em escala cada vez mais global.

Entretanto, não se deve tomar este cenário promissor de inovações tecnológicas como homogêneo na sociedade. É preciso considerar que o Brasil possui cidades globais, conectadas em tempo real, mas também abriga extensas áreas rurais com modos de vida essencialmente locais e acesso restrito às tecnologias da comunicação. Esta é a realidade de muitas comunidades rurais da Amazônia, especialmente as mais longínquas, mas, apesar da carência tecnológica os habitantes destas localidades não estão excluídos de um contexto midiaticizado. Ao contrário, valendo-se de uma boa dose de criatividade, encontram nas deficiências estruturais e tecno-midiática modos alternativos para acesso às tecnologias e inserção em processos de natureza mais global.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) indicam que 15,6% da população brasileira - o correspondente a 30 milhões de pessoas - vivem no meio rural. Boa parte deste contingente é formada por habitantes de localidades remotas com pouco acesso a bens e serviços básicos, incluindo os meios de comunicação. Essas regiões são classificadas por Steinbrenner (2011) como “lugares *periféricos*, constituídos por um complexo universo social que mistura parâmetros de modernidade e urbanidade a aspectos ainda rudimentares no que diz respeito à infraestrutura de tecnologias da comunicação, oferta e alcance de conteúdos midiáticos” (STEINBRENNER, 2011, p. 8).

Para a autora, a *mediatização periférica*² seria “resultado da precariedade estrutural e de vícios institucionais que se instalaram em países de modernização recente, onde imperou, durante décadas, o subdesenvolvimento antidemocrático baseado na dependência externa” (BELTRÁN, 2005, apud STEINBRENNER, 2011, p. 14). No contexto das comunidades extrativistas considera-se que o caráter *periférico* do processo de mediatização está relacionado principalmente aos modos particulares com que seus habitantes se relacionam com as tecnologias da comunicação.

A oferta midiática restrita a mídias tradicionais e as especificidades nos usos e apropriações destas tecnologias evidenciaram um processo de mediatização estruturado em um modo de vida local, porém, fortemente articulado a lógicas globais de

² Construído a partir da noção de *modernização periférica*, desenvolvida por Jessé Souza (2003), e de *periferia*, pensada por Milton Santos (2007), o conceito de *mediatização periférica* é utilizado por Steinbrenner (2011) para revelar e desconstruir o campo midiático em relação à atuação e funcionamento de rádios comunitárias na Amazônia, em abordagem que revela a precariedade e insuficiência dos meios de comunicação na região. No contexto deste trabalho o termo *periférico* remete especificamente aos modos como os extrativistas se relacionam com os meios de comunicação.

funcionamento do contexto extrativista, especialmente no que diz respeito às relações comerciais e familiares. A circulação midiática, efetivada por modos presenciais de comunicação e interação social, constitui referência demarcadora desse formato periférico de midiatização.

2. Caminhos metodológicos

Realizada entre maio de 2012 e abril de 2014, a pesquisa teve a participação de 35 extrativistas, entre homens e mulheres, com idade entre 30 e 65 anos. A escolha das comunidades rurais teve como critérios principais a distância em relação ao centro urbano e o número de famílias residentes. Foram entrevistados moradores que se dedicam apenas ao extrativismo e também que conciliam a atividade produtiva com funções de liderança comunitária, além de donas de casa e aposentados. Essa variação de perfis possibilitou distintos ângulos de observação das experiências midiáticas e das práticas interacionais dos entrevistados.

Na escolha dos entrevistados consideramos como critério o uso de pelo menos um meio de comunicação. Para uma maior diversidade do corpus da pesquisa entrevistamos homens e mulheres que atuam como extrativistas e lideranças comunitárias e donas de casa.

No processo de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas (gravadas) e a observação participante, além de registros fotográficos e mapeamento dos locais visitados com auxílio de aparelho GPS (*Global Positioning System*). A abordagem de natureza qualitativa possibilitou maior riqueza interpretativa dos dados, analisados de forma global por não tratar-se de estudo comparativo.

Para chegar ao seringal Floresta, é preciso cruzar o rio Acre, em uma balsa de ferro, serviço subsidiado pela prefeitura do município de Xapuri. Do outro lado fica a pequena vila Sibéria e, deste ponto em diante são 30 (trinta) quilômetros de estrada de chão batido até a primeira das 44 colocações³ que formam a comunidade, onde vivem 42 famílias. No seringal Porvir são 22 colocações, ocupadas por 25 famílias. O seringal

³ Forma de divisão do espaço geográfico dos seringais, herdada da época áurea de exploração da borracha, que organiza o modo de trabalho extrativista. No atual sistema de Reservas Extrativistas as colocações correspondem aos lotes ou *colônias* onde as famílias vivem e usufruem o direito ao uso da terra e dos recursos naturais existentes, entretanto, não detêm a posse da terra, uma vez que as áreas extrativistas são de propriedade do Estado.

Filipinas tem 42 colocações e igual número de famílias. A distância do ramal principal de acesso a estes seringais, em relação ao centro urbano, é de 30 quilômetros, mas o acesso às colocações mais distantes demandou percursos superiores a cem quilômetros.

A distribuição espacial das colocações nos seringais pesquisados segue um mesmo padrão territorial: um ramal principal dá origem a outros ramais, posicionados ora à margem direita, ora à esquerda, que originam uma infinidade de outros ramais que, por sua vez, geram varadouros e trilhas no interior da floresta. Essas bifurcações interligam as colocações e, apesar das distâncias, observou-se um forte senso de coletividade entre os seus moradores, fator que favorece o compartilhamento de informações. E, neste processo, formam-se redes cotidianas de comunicação, verdadeiras vias de circulação de notícias midiáticas e também não midiáticas.

Os extrativistas estão organizados em associações concessionárias representativas, que atuam por meio de núcleos de base instalados nos seringais, sediadas no município de jurisdição, e estão filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, instalado em Xapuri. Embora ainda tenham representatividade social, as observações e os relatos colhidos evidenciaram um enfraquecimento na atuação dessas instituições nas comunidades, fator que demonstra elevado nível de dificuldade gerencial e requisita melhorias no processo de organização comunitária.

Todos os entrevistados são beneficiários de programas sociais como Bolsa Família, Bolsa Escola ou Bolsa Verde. Operacionalizadas como parte da atual política compensatória do Governo Federal essas iniciativas, junto com a venda da produção extrativista, complementam a renda familiar.

Os extrativistas moram, predominantemente, em casas de madeira cobertas com telhas de fibrocimento. Este tipo de moradia, construída por meio do Programa Nacional de Habitação Rural (Crédito Habitação), começou a substituir as antigas de paxiúba – espécie de palmeira abundante na Amazônia – e palha, a partir de 1990. Quase metade dos entrevistados possui transporte próprio (motocicleta), veículo bastante comum em localidades rurais da Amazônia, onde o acesso ainda ocorre por estradas de barro. Estes fatores podem ser indicativos de melhoria nas condições de vida nestas comunidades.

A maioria dos entrevistados é descendente de nordestinos que migraram para a Amazônia durante o Segundo Ciclo da Borracha⁴, nas primeiras décadas do século passado. Essas pessoas sempre mantiveram uma intensa relação com a floresta, constituindo-se protagonistas da história dos seringais pesquisados e conhecedoras de uma época de completa ausência de estradas, de energia elétrica e de meios de comunicação nessas localidades.

Junto com outros eletrodomésticos, o rádio, a televisão e o telefone celular, junto com outros bens de consumo como fogão a gás e geladeira, compõem o cenário doméstico dos extrativistas. Esses meios de comunicação possibilitando o acesso a contextos informacionais midiáticos, direcionando processos comunicacionais e favorecendo a interação social nas comunidades.

3. Da sociedade dos meios à midiatização social

A dimensão qualitativa dos avanços tecnológicos agrega uma complexidade crescente às relações humanas. É nesse contexto que a midiatização se insere como parte do desenvolvimento da sociedade moderna. Trata-se de um processo histórico, lento e gradual vinculado à emergência da escrita e da imprensa e ao desenvolvimento científico tecnológico, que se desenvolve sempre em articulação com o contexto cultural.

O avanço progressivo do saber científico, aliado à fundamentação racional da experiência moderna, trouxe autonomia aos diferentes campos sociais que passaram a se organizar em torno do domínio de saberes específicos. Gomes (2010) destaca que o surgimento das tecnologias “possibilitou a intensificação da atividade midiática e a consolidação da *sociedade dos meios*” (GOMES, 2010, p. 5). Nessa configuração

⁴ Período curto (1942 a 1945) de retomada da produção de borracha, pelo Brasil, durante a segunda Guerra Mundial. Para cumprir acordo de fornecimento de borracha firmado com os Estados Unidos (Acordo de Washington) o governo brasileiro criou um programa de alistamento compulsório, sediado em Fortaleza (CE). Guiados pelo desejo de fazer fortuna e pela falsa promessa de retorno à Terra Natal, 54 mil nordestinos vieram trabalhar em seringais amazônicos. Sem apoio do governo a maioria destas pessoas acabou escravizada pelo famigerado sistema de aviamento, mecanismo de fornecimento de mercadorias, que se baseava no endividamento prévio e contínuo do seringueiro. Durante décadas, esse sistema marcou a relação de exploração do trabalho seringueiro pelo patrão. Disponível no link: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/ciclo-da-borracha/>. Acesso: 13 de nov 2013.

societária, o campo dos Media desempenha papel essencialmente mediador nas relações sociais, articulando-se a diversos outros campos.

As mídias intermediam diálogos e atuam como veiculadores de operações de sentidos e construtores de realidades, com base em mecanismos retóricos de linguagem. Esse poder de simulação dos meios midiáticos e, mais marcadamente, a sua capacidade de condicionamento social, estiveram no foco do debate sobre comunicação por longo período.

Tradicionalmente as pesquisas em comunicação concentraram suas preocupações no efeito das mensagens mediadas sobre indivíduos e instituições, privilegiando a ação dos meios em detrimento da ação social. Na década de 1980, porém, surge uma nova perspectiva analítica da relação mídia e sociedade, a partir da visada de Martín-Barbero, espanhol radicado na Colômbia, que propõe um deslocamento da ênfase dos efeitos meios para as mediações. Inspirado na perspectiva comunicacional da América Latina, o autor redireciona o foco da observação para o espaço dos usos sociais.

Esse novo olhar sobre os meios representou uma mudança teórico-metodológica nas pesquisas em comunicação, por considerar a questão cultural como eixo dos processos comunicacionais, reconhecer a comunicação como espaço de interação e reposicionar o receptor como sujeito ativo no processo. Os meios se desvinculam de outras práticas, enquanto mediadores, para assumir novas funções na dinâmica social, ou seja, passam da condição de suporte para uma centralidade na vida cotidiana. Também é nesse processo de mudanças que se anuncia uma nova realidade comunicacional. “Temos aí a passagem da *sociedade dos meios* para uma *sociedade em midiatização*” assinala Fausto Neto (2006, p. 13).

No contexto das novas tecnologias da informação, que caracterizam a sociedade midiatizada, a internet representa vetor principal de transformações comunicacionais. Ela possibilita interagir, de forma simultânea e global, com distintos suportes tecnológicos (computador, telefone, televisão), contribuindo para modificar a noção de espaço-tempo e, sobretudo, alterando os modos de socialização. Assim, a midiatização se configura como reflexo de uma cultura midiática crescente.

O processo enseja dinâmicas diferenciadas de comunicação e interação social, baseadas em distintos usos e apropriações da tecnologia, que favorecem a (re)produção de discursos. Neste sentido, ao analisar a participação das mídias nas práticas sociais, Verón (1987) classifica a comunicação midiática como “uma configuração de meios resultante da articulação entre dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e de recepção, que estrutura o mercado discursivo das sociedades industriais” (VERÓN, 1987, p. 14).

Embora autores como Fausto Neto (2006) considerem a tecnologia preponderante em contextos midiáticos destaca a natureza essencialmente social do processo: “a midiática transcende o aparato tecnológico, configurando-se por formas diversas de interação dos indivíduos com as mídias, produzindo sentidos a partir dos conteúdos que nela circulam” (FAUSTO NETO, 2006, p. 7).

Avançando na análise, Braga (2006) observa uma aceleração na diversificação dos modos com que a sociedade interage com as tecnologias e destaca que as novas práticas não eliminam antigos sistemas interacionais. Na sociedade em midiática prevaleça uma lógica comunicacional baseada na linguagem escrita – amplamente empregada no uso de dispositivos digitais – permanecem em voga outros sistemas de interação, responsáveis por atribuir distintas nuances ao processo de midiática.

Os processos interacionais mais longamente estabelecidos (da ordem da oralidade presencial e da escrita) continuam a definir padrões de comunicação (e lógicas inferenciais) que organizam a sociedade e suas tentativas. Tais processos, em sua generalidade, se deslocam para modos mais complexos, envolvendo a diversidade crescente da midiática e as inúmeras possibilidades que vão se desenvolvendo para criticar e apreender reflexivamente os produtos e processos da indústria cultural e para setores da sociedade agirem nas mídias e pelas mídias (BRAGA, 2006, pp. 4-5).

O que se depreende destas reflexões é que a midiática social está relacionada principalmente com os modos como os indivíduos interagem cotidianamente com os meios de comunicação. A tecnologia represente o seu fio condutor, mas são os usos e apropriações que dão o tom dos processos midiáticos em cada espaço social.

4. Usos e apropriações de dispositivos midiáticos

Nas comunidades extrativistas a relação com as mídias se expressa na escuta radiofônica, na audiência televisiva e no uso do telefone celular. O rádio é utilizado por todos os extrativistas e a televisão está entre 21 dos 35 entrevistados. Com menor intensidade, o telefone celular é utilizado por nove extrativistas, considerando-se uma concepção de uso efetivo no meio rural.

Na relação com o rádio as emissoras mais ouvidas são a Difusora Acreana, Rádio Nacional, Eco Acre FM e Educadora Seis de Agosto, com preferência para conteúdos noticiosos, programas religiosos e musicais. Na audiência televisiva a Rede Globo é a emissora mais assistida, citada por todos os entrevistados, e os conteúdos de maior interesse são os noticiários e as telenovelas. Embora acessem outros tipos de conteúdos midiáticos, a busca por informações sobre o sistema de trabalho e por entretenimento constitui a principal referência para a interação com o rádio e a televisão.

A relação dos extrativistas com os meios de comunicação revelou uma paisagem diversa de usos e apropriações, influenciada principalmente pelas dificuldades no acesso ao sistema de energia elétrica e pelo contexto geográfico. As comunidades estudadas estão separadas por grandes distâncias do centro urbano e o acesso a muitas colocações, que ficam mais no interior da floresta, envolve percursos superiores a 100 quilômetros. Apenas 12 entrevistados são beneficiários da rede de eletrificação rural do programa Luz Para Todos⁵, que alcança apenas colocações circunscritas a uma faixa de 30 quilômetros de extensão, situadas na estrada principal que dá acesso aos seringais, excluindo um grande número de famílias extrativistas que habitam áreas mais afastadas.

Para lidar com a carência do sistema convencional de energia elétrica os extrativistas utilizam placa solar ou motor gerador movido a diesel, como fontes alternativas. Entretanto, esses sistemas também se mostram insuficientes para uma oferta ampla de energia que permita o uso contínuo de aparelhos, luminárias e eletrodomésticos, inclusive dos meios de comunicação. Assim, a energia gerada por

⁵ Das três comunidades pesquisadas, somente o seringal Floresta, em Xapuri, conta com energia elétrica do Programa Luz Para Todos. A iniciativa do Governo Federal chegou a essa comunidade há sete anos, mas ainda contempla poucas famílias. A ampliação destes serviços, prevista em antigos projetos, esbarra em uma série de limitações, principalmente, a questão ambiental. Nos seringais Porvir e Filipinas, no município de Brasileia, não se constatou a presença do programa.

estes meios é usada como “bem capital” direcionado ao atendimento da audiência televisiva, que ocorre de forma programada e condicionada ao tempo de duas horas.

As distâncias geográficas e a densidade florestal, características marcantes de grande parte das *colocações*, também influenciam o acesso à televisão, dificultando a captação do sinal de satélite responsável pela transmissão de imagens e, nestas condições, assistir à televisão só se torna possível com auxílio de antena parabólica. Estes fatores limitam o acesso a este dispositivo midiático e contribuem para a permanência do rádio como principal meio de informação nas comunidades extrativistas.

Na relação com o rádio, a interação ocorre de forma individual e coletiva. O midiático está presente na informação que chega, circula no contexto familiar e extrapola para o espaço comunitário, revelando um forte censo de coletividade. Se revela também como suporte dos vínculos familiares, na relação campo/cidade, expressos por meio de mensagens e avisos enviados pelo programa “Correspondente Difusora”, espécie de correio radiofônico operado em linguagem oral. O aspecto midiático também permeia o credo religioso, por meio de uma programação radiofônica que permite ao fiel acompanhar rituais religiosos, sem sair de casa, e desenvolver um sentimento de pertencimento a determinado templo; e no lazer e entretenimento, por meio da programação musical que distrai e integra ao mesmo tempo.

Presente de diversas formas no cotidiano extrativista, o rádio funciona como organizador de processos comunicacionais e interações sociais no ambiente familiar e nos espaços comunidades. Os extrativistas acessam notícias de interesse comunitário como, por exemplo, os ordenamentos do mercado da castanha, que movimenta fortemente as comunidades pesquisadas. É pelas ondas do rádio que chegam as informações que vão direcionar a comercialização da produção extrativista.

Exemplo típico da participação decisiva deste dispositivo midiático na vida sociopolítica e econômica das comunidades extrativistas é a mobilização em torno do mercado da castanha acompanhada, anualmente, por meio deste dispositivo midiático. No período de comercialização da safra, entre os meses de janeiro e fevereiro, os extrativistas realizam uma espécie de vigília em relação à programação radiofônica, à espera da definição do preço do produto e de compradores que ofereçam melhores preços.

Esse comportamento vigilante em relação à escuta radiofônica também é observado em situações de caráter mais privado da vida dos extrativistas, em função da demanda por informações sobre agendamento de consultas médicas, financiamentos, aposentadorias ou questões legais relacionadas ao uso da terra.

Na relação com a televisão, predomina a audiência em família, no espaço privado da casa, mas, muitas vezes, esse momento familiar agrega interações com a vizinhança. Muitos extrativistas que não dispõem de televisão em casa, especialmente mulheres, encontram na audiência compartilhada o único meio de acesso a essa mídia e, sobretudo, uma forma criativa de superar a carência tecnológica e de inserir-se em contextos midiáticos. Neste contexto, a audiência televisiva não se restringe a um momento de interação dos usuários com o dispositivo midiático. Ela também representa uma maneira de estar junto, de colocar-se em contato com outras pessoas, interagir sobre diferentes assuntos e sentir-se parte de um sistema social mais amplo.

Assistir à televisão, portanto, constitui uma estratégia mobilizadora que integra e socializa os indivíduos, derivada de usos e apropriações que se desdobram em processos comunicacionais e interacionais. Desta maneira, na relação dos extrativistas com os meios de comunicação os usos e apropriações não começam nem terminam no contato com a tecnologia, mas continuam por meio de narrativas que reconstróem e atribuem novos significados às mensagens, em um processo de circulação da informação midiática análogo ao que Braga (2006) chama de “fluxo adiante” (BRAGA, 2006, p. 8) ao analisar sistemas de resposta social característicos da sociedade em midiaticização.

As informações midiáticas acessadas na interação o rádio e a televisão iniciam no contexto familiar e se desdobram e reverberam em outros ambientes da comunidade, ressignificadas continuamente pelos extrativistas, de acordo com os referenciais de cada um. Essa circulação midiática ocorre em reuniões comunitárias, nos encontros religiosos, nos trabalhos em mutirão, nas visitas à casa do vizinho, em eventos de socialização e atividades de lazer ou em encontros casuais dos extrativistas nos ramais e *varadouros*⁶ interligam as colocações. São esses discursos, constituídos em circuitos comunicacionais e interacionais que movimentam as relações sociais nas comunidades.

⁶ No contexto das comunidades rurais amazônicas, varadouros são caminhos estreitos dentro da floresta que ligam uma colocação (colônia) a outra e os seringais entre si. Nos antigos seringais constituíam a

A relação dos extrativistas com dispositivos midiáticos também se expressam na forte interação com o telefone celular. A maioria dos entrevistados tem a posse desta tecnologia, em sua forma física, mas poucos dispõem de condições plenas de funcionamento no espaço da casa e da colocação. Devido ao baixo alcance do sinal de telefonia móvel, a maioria dos extrativistas utiliza a tecnologia somente no contexto urbano, por ocasião de frequentes deslocamentos.

As limitações de uso, impostas pelas dificuldades de acesso, contribuem para uma regularidade de processos comunicacionais e interacionais ativados na relação com essa tecnologia. Em muitas colocações, para fazer uso do celular os extrativistas buscam pontos estratégicos de acesso ao sinal de telefonia, próximos da casa ou áreas mais distantes.

Entre os entrevistados que utilizam o telefone celular no contexto doméstico, a relação com esse dispositivo é voltada para dois objetivos: a comunicação com familiares e amigos que moram no meio urbano e o contato com instituições diversas (governamentais ou não), na busca por informações que ajudem a sanar demandas cotidianas da propriedade, evitando deslocamentos.

Entre as famílias que dispõem do telefone celular em casa, uma particularidade de uso é o compartilhamento da tecnologia com a vizinhança. Essa socialização do dispositivo se ancora em aspectos simbólicos que integram contexto familiar e sistema de vizinhança, como os laços de proximidade e afetividade, demarcadas por características tipicamente locais que se articulam a sistemas mais globais centrados no meio urbano.

A apropriação coletiva deste dispositivo permite a inserção dos extrativistas em um processo de dupla interação comunicacional que contempla, ao mesmo tempo, o contexto interno da comunidade, na medida em que falar ao telefone implica deslocamento e aproximação física com a vizinhança, e o ambiente externo, proporcionando contato com o meio urbano.

5. Considerações finais

única via de acesso ao meio urbano e por onde passavam os comboios que deixavam mercadorias para os seringueiros e recolhiam a borracha produzida.

Os meios de comunicação estão inseridos no contexto comunicacional e interacional dos extrativistas de diferentes formas. A relação destes indivíduos com as tecnologias revela carência tecnológica e fragilidade estrutural das comunidades, aspectos que emergem entrelaçados ao contexto geográfico, ao sistema de trabalho e modo de vida próprios do ambiente rural, às relações familiares, à tradição de oralidade e à circulação da informação e interações presenciais. Esses elementos se condensam em mediações e são ultrapassados por referências interacionais atribuem especificidades aos usos e apropriações do rádio da televisão e do telefone celular.

As dificuldades estruturais restringem a oferta tecnológica e midiática entre os extrativistas, entretanto, esse quadro situacional restritivo inspira o desenvolvimento de táticas de acesso e uso dos meios. Deste modo, esses indivíduos podem se constituir como consumidores midiáticos e sujeitos do processo de midiaticização, ainda que este processo se apresente matizado em virtude de um reduzido espectro midiático e de modos particulares com que se relacionam com os dispositivos midiáticos e se apropriam de informações da mídia.

Diferentemente do que acontece nas cidades, onde a comunicação tende a ser cada vez mais caracterizada por processos individualizados e que se efetivam à distância – pelo uso crescente das tecnologias digitais – nas comunidades extrativistas os processos comunicacionais estão vinculados, exclusivamente, a interações presenciais e fortemente marcados pela oralidade, por laços de proximidade, afetividade e vínculo familiar, aspectos que conformam o funcionamento de um processo de midiaticização marcado por usos e apropriações singulares.

No contexto extrativista a midiaticização se manifesta não em reverberações escritas e a distância, mas pela via da oralidade, na comunicação face a face, revelando uma arquitetura comunicacional desenhada por usos e apropriações de mídias tradicionais. Deste modo, os processos comunicacionais e interacionais articulados a práticas midiáticas, porém, tal inserção não corre do ponto de vista da autonomização do discurso – que se daria pela circulação escrita das narrativas em torno do midiático – mas em função dos modos particulares de uso e apropriação de dispositivos midiáticos.

Isto significa que, em termos de consumo/produção, a midiaticização dos extrativistas se configura por um consumo de subsistência que leva a uma produção

discursiva volátil, considerando que não estão inscritos em dispositivos midiáticos que garantam a memória e a reprodutibilidade técnica dos discursos por meio do registro escrito, e que possibilitem, inclusive, a inserção destes indivíduos, enquanto consumidores, no espaço público ampliado, ou seja, em um contexto comunicacional com visibilidade global.

Nessa produção discursiva, de caráter efêmero, há um apagamento tanto no sentido da memória (pela ausência de materialização dos registros), como das interações sociais mais amplas, ou seja, na relação com os meios de comunicação os extrativistas não comparecem no espaço material da tecnologia para reverberar as narrativas midiáticas e, por conseguinte, não falam para o mundo. Tais especificidades remetem a um estágio de midiatização configurado por *modos periféricos* de usos e apropriações das mídias e de desenvolvimento de processos de comunicação e interação social.

Do ponto de vista teórico a solução para esta questão estaria no fato de que a experiência social com as mídias em análise (rádio, televisão e telefone) permite revisitar a problemática das mediações na sociedade em midiatização, em uma perspectiva que tensiona o lugar ativo do receptor e seus limites e restrições para inserção em processos midiatizados, *formulação periférica*, acionada por modos tradicionais e localizados de circulação. Do ponto de vista epistemológico, o processo comunicacional dos extrativistas indica que é possível integrar-se a uma sociedade midiatizada, ainda que o funcionamento do processo se dê por operações próprias da realidade rural, ou melhor, por lógicas de funcionamento de mediações em movimento em processos sociais específicos a este contexto.

6. Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação. In: Encontro da Compós, 13, 2004. **Anais...** São Bernardo do campo/SP, 2004.

BRAGA, José Luiz. **Sobre a midiatização como processo interacional de referência.** Compós. UNESP: Bauru, 2006.

BRAGA, José Luiz. Pequeno roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (Org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, p. 73-88, jul./dez. 2008.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n 58, p. 62-77, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

DIAGNÓSTICO SOCIECONÔMICO e Cadastro da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes. **Plano Resex Sustentável**. Governo do Acre. Rio Branco. Dezembro de 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. (org.). São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 189 – 231.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização**: prática social, prática de sentido. Paper, Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.

FERREIRA, Jairo. **Mídia e conhecimento**: objetos em torno do conceito de dispositivo. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação: NP Comunicação Educativa do Intercom, Salvador/BA, 2002.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. In: **Texto**. Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 161-172, dez. 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. **O processo de mediatização da sociedade**. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2005. Disponível em: <http://rolandoperez.files.wordpress.com/2009/02/mediatizacao-da-sociedade-pedro-gilberto-gomez.pdf>. Acesso: 25 fev. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia, 6ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PROULX, Serge. La puissance d’agir d’une culture de la contribution face à l’emprise d’un capitalisme informationnel: premières réflexions. In: CONSTANTO POULOU, Christiana. **Barbaries contemporaines**. L’Harmattan: Paris, 2012, p. 1-9.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. Diálogos de la Comunicación. Lima: Felafacs, out. 1997. p. 9-17